

1

Introdução

Em entrevista a Carlos Cardoso Aveline, vemos Borges afirmar que a história humana é a história das tentativas de criar esquemas e racionalizações para interpretar a realidade externa. O presente estudo surgiu da necessidade de definir que tipo de esquemas e racionalizações Borges elabora para interpretar esta realidade. Queremos analisar em que medida esses esquemas relacionam-se à questão do tempo, que Borges tantas vezes reclamou como a questão fundamental de sua escrita.

Jorge Luis Borges nasceu em Buenos Aires, a 24 de agosto de 1899. Aos seis anos, já estava decidido a ser escritor. Em sua juventude, após morar alguns anos em Genebra, se mudou com sua família para Sevilha, onde tornou-se membro de um grupo de jovens poetas vanguardistas, os ultraístas (defensores de uma linguagem seca e sem adjetivos), que o influenciaram profundamente. Mais tarde, voltando para Buenos Aires, desvinculou-se do ultraísmo e filiou-se ao modernismo. Aos poucos, abandonou todos os movimentos de seu tempo, desenvolvendo um tom próprio. A partir de 1938, passou a depender cada vez mais de sua mãe, devido à cegueira, condição que herdou do pai e que foi aumentando gradualmente. Em 1955, quando já não podia mais ler, foi eleito diretor da Biblioteca Nacional, passando a viver rodeado por milhares de livros. Faleceu a 14 de junho de 1986, em Genebra, ao lado da esposa, María Kodama. Além de escritor e poeta mundialmente reconhecido, foi ensaísta, crítico e tradutor.

A questão do tempo permeia toda a obra de Borges. Ela contém a dificuldade da permanência no fugaz, que tanto intrigou Borges, à qual ele constantemente se referia citando as famosas palavras de Heráclito de que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio.

Este conceito fundamental da metafísica integra não só a temática da literatura borgiana, mas é mesmo impulso criativo, constitui a própria motivação de Borges para a criação literária. Borges escreve, dentre outras coisas para compreender, para guiar seu pensamento e seus anseios filosóficos. Em alguns

momentos, recorre à literatura para fazer filosofia, pois um ceticismo fundamental o impede de estabelecer doutrinas ou de ousar a elaboração de sistemas para a decifração do universo. Ele intui que o universo é um código ao qual jamais teremos a chave e que qualquer filosofia que se possa forjar é tão ilusória quanto um conto de literatura fantástica.

Em nossa pesquisa, confrontamos diversos estudos sobre Borges e notamos uma tendência geral à valoração do múltiplo ou infinito, do labiríntico e do enigma; queremos aqui realizar o oposto: observar a unidade, o centro do labirinto, as resoluções. É justamente por isso que recorremos, não ao conceito de tempo, mas ao da eternidade; este conceito que, ao longo da história da filosofia impôs-se como resposta à questão da temporalidade e mesmo como hipótese para a conceituação do real.

No prólogo a *Fervor de Buenos Aires*, escrito quarenta e seis anos depois da obra, Borges afirma que, apesar de sentir que ele e o jovem de então eram essencialmente o mesmo, naquele tempo procurava os entardeceres, os arrabaldes e a desdita; agora, as manhãs, o centro e a serenidade. O que teria provocado essa mudança? Que é o centro que Borges procura e de que maneira ele oferece um desdobramento à questão do tempo, sua principal fonte de conflito?

Sabemos que, no início de sua carreira, Borges esteve preocupado com a construção de uma literatura argentina e moderna. Mais tarde, afirmaria que todos são fatalmente modernos e que, tendo vivido a maior parte de sua vida na Argentina, ele mesmo é fatalmente argentino. Ele distancia-se destas questões e de tudo o que se relaciona ao mundo exterior; passa a trabalhar sobretudo com literatura fantástica e com especulações em torno dos livros que leu antes que lhe acomesse a cegueira. Passa a viver como na eternidade de sua biblioteca, a biblioteca que herdou do pai e da qual afirmava, ao final de sua vida, nunca ter saído.

Seu distanciamento de questões nacionalistas e contextuais significou um aprofundamento em especulações metafísicas, uma busca por uma realidade mais profunda, ou por possibilidades de realidade. Mesmo em seus contos fantásticos, o que observamos são conjecturas a respeito do universo, exposições de possíveis explicações para a realidade.

Não queremos, de modo algum, conjecturar as crenças de Borges ou posicioná-lo relativamente a escolas filosóficas ou literárias. Acreditamos que ele

se importasse menos com convicções ou verdades e mais com assombros, possibilidades. Mas o tema da eternidade se impõe, faz parte mesmo do fundamento da literatura borgiana. Nosso trabalho aqui é analisar por que e de que maneira isso acontece.

Nossa reflexão baseia-se, sobretudo, na leitura dos textos do autor, evitando referências a estudos secundários ou à questões contextuais, relacionadas à história da literatura. Seguimos, portanto, o critério de Borges, que considerava um erro estudar historicamente a literatura. Queremos encontrar, em seus textos, estratégias para trabalhar com a hipótese de que, em algum lugar do labirinto borgiano, o labirinto do tempo, estava o almejado centro eterno que ele buscou e que lhe foi tão precioso quanto o labirinto. É um centro sagrado, impossível, inacessível para o sujeito. Mas sua presença se faz sentir e a intuição de sua existência guia a escolha dos temas, a elaboração das personagens, a opção pela literatura fantástica, além de funcionar como motivação fundamental para a escrita de Borges.

Ambos, labirinto e centro, foram fontes de angústia. O labirinto por ser uma prisão; o centro por ser impossível. O labirinto é o tempo e, para Borges, é a condição de existência do sujeito, o material mesmo de que somos feitos. Nossa existência só é possível na medida em que estamos inseridos no labirinto do tempo: para que a vida seja menos terrível, devemos abraçar nossa condição temporal, devemos louvar o labirinto. O labirinto é uma prisão porque é a única opção para o sujeito. Em seu centro, está a eternidade, a resposta para a questão do tempo. Ela constitui um desejo, uma intuição. Mas Borges sabe que sua contemplação é impossível para o sujeito, já que o aniquilaria. Esta aniquilação, entretanto, não deixa de ser um alívio secreto, um desejo. A eternidade é impossível para nós, que somos feitos de tempo e que não podemos conceber uma realidade sem movimento e sem fugacidade. Ela não é experimentável para nós, é inconcebível.

Se o labirinto do tempo é a única opção, é, no fundo, tão impossível quanto o centro, porque tampouco podemos conhecê-lo: não conhecemos o passado nem o futuro, pois não existem fora do presente; não conhecemos o presente, porque é tão impossível quanto o inextenso ponto da geometria. Estamos perdidos no fluxo de um rio que não podemos compreender, um rio do qual também somos feitos. Mas, ainda que seja tão inconcebível quanto a eternidade, o tempo é um conflito

mais próximo, é a nossa questão, temos quase por obrigação abraçá-la. Nossa única possibilidade é aceitar o tempo, aceitar o eu e toda a angústia que os acompanha e o melhor método para essa resignação é a criação literária.

Entretanto, a literatura não é apenas resignação: é também o que há de mais próximo à eternidade, o que possibilita um vislumbre, uma imagem menos pobre dessa realidade inacessível. A literatura é um meio de contemplar labirinto e centro, ainda que seja uma arte pobre como o mundo real, sujeita às regras da temporalidade. A sucessividade das palavras impede a contemplação do todo, mas, quando as palavras estão inseridas em uma estrutura literária, permitem que ele seja entrevisto.

A partir do que foi dito anteriormente, organizamos o presente trabalho em três capítulos.

No primeiro, analisamos a maneira como a eternidade está por trás da criação de diversos símbolos típicos da literatura borgiana, símbolos que são como possíveis respostas para o labirinto do tempo, possíveis centros: a palavra, o nada, a cegueira, o ponto, o círculo, o objeto, os animais, o eu e os arquétipos.

No segundo, vamos buscar os textos em que Borges trata das refutações do tempo ou de concepções alternativas do tempo. Trata-se, principalmente, dos ensaios. Analisaremos aqui os paradoxos do tempo, o idealismo como refutação possível para o tempo, o presente como conceito impossível e corruptor e as concepções alternativas de tempo (tempo cíclico, tempo invertido e tempo múltiplo).

No terceiro capítulo, veremos de que maneira o conceito de eternidade faz parte do próprio impulso de criação literária, na obra de Borges. Queremos mostrar como o conceito de eternidade constitui um motor para a literatura, bem como uma motivação para a escolha do gênero fantástico. Veremos ainda de que forma ele se liga à concepção borgiana de literatura e de mundo.

Na primeira seção deste capítulo, ensaiaremos, recorrendo a Paul Ricoeur e Peter Salm, uma proposta para definir a estética de Borges, que pode ser exposta, de forma resumida, nos seguintes termos:

- (a) O tempo é percebido pelo artista de maneira sequencial e fragmentada.
- (b) Sua intuição lhe permite reunir, de maneira limitada, estes fragmentos percebidos em um tempo uno, completo e transcendente ao qual não tem acesso.

- (c) O tempo uno intuído, por ser inatingível e mesmo inconcebível, faz nascer a necessidade de compreendê-lo a qualquer custo, criando uma angústia intelectual que leva à produção de representações diversas, na tentativa de construir uma imagem que, ainda que de maneira parcial, dê conta deste tempo.
- (d) A angústia criada pela necessidade de reprodução do tempo total intuído, portanto, é uma das motivações da literatura borgiana.

Em entrevista a Maria Angélica Corrêa, Borges diz que seu tema essencial é o do tempo e, dentro do tempo, o enigma da identidade pessoal que se mantém apesar das mudanças. Para ele, o universo é inconcebível sem tempo, ainda que os homens tenham inventado a palavra eternidade para tentar expressar o que não podem conceber. Para Borges, a questão do tempo é a da permanência no fugaz: como pode algo permanecer em meio à mudança? De que maneira podemos, ao mesmo tempo, mudar e permanecer os mesmos? O conceito de mudança parece ser incompatível com o de identidade e, no entanto, percebemos que ambos ocorrem ao mesmo tempo. A identidade é também um rio que flui, ainda que o manancial seja sempre o mesmo. Mas o que é isso que permanece? Se algo permanece, algo sobrevive ao tempo. O eu é feito de tempo, mas ele sobrevive ao tempo, ele é sempre o mesmo.

Compreender o tempo é compreender tudo porque é entender de que maneira mudança e identidade sobrevivem uma à outra. É aceitar o inaceitável de que o universo é um paradoxo, de que labirinto e centro podem conviver e que são as duas faces do real. A mudança não aniquila o sujeito, pelo contrário, o sujeito é constituído pela mudança. O que permanece o mesmo é constituído, não pela eternidade, mas pelo tempo. Para ser sempre o mesmo, é necessário mudar. Somente dentro da mudança a identidade tem sentido: a mera contemplação de uma realidade sempiterna aniquila a identidade.

A eternidade é uma palavra, uma invenção humana para o que não se pode conceber. É o uno, o alheio à mudança e à sucessão. Em uma dimensão eterna, não há indivíduos, porque não há divisão entre as coisas. Há apenas o todo. Contemplar o todo é agregar-se a ele, é deixar de existir como indivíduo. A eternidade opõe-se ao tempo e, no trabalho de Borges, será uma força oposta ao infinito, conceito por ele também muito explorado.

O infinito é, para Borges, o grande conceito corruptor da realidade. Tudo o que observamos no mundo pode ser refutado com base neste conceito: o espaço e o tempo são ilusórios porque são infinitamente divisíveis; o eu é ilusório porque há uma rede infinita de eus, cada um sendo percebido pelo eu anterior. Do lado oposto da multiplicidade terrível do infinito, está a terrível unidade da eternidade. Uma eternidade de “imóveis peças de museu”, um conceito inacessível aos homens, que deve ser posto de lado para que se possa viver.

A relação entre tempo e eternidade, entretanto, é mais complexa, não é de mera oposição. Tempo e eternidade se entrecruzam e definem um ao outro. A parte só é parte na medida em que tem um lugar no todo. E o todo define cada uma das partes. Uma árvore não é apenas uma árvore: ela só é uma árvore porque aponta para todas as árvores e para todos os eventos que jamais se deram em torno dessas árvores. Não pode haver indivíduos sem o todo. Cada coisa do universo aponta para todas as outras. Uma parte alheia ao todo é tão inconcebível quanto o próprio todo.

O labirinto só existe na medida em que há um centro e o centro é, necessariamente, centro de um labirinto. O tempo é um caminho para o eterno, um fluxo cujo manancial é a eternidade. A experiência do eterno só é possível através do tempo: podemos experimentar o todo, mas uma coisa de cada vez. Sabemos que cada coisa faz parte do todo, cada coisa é o todo. Mas só o percebemos dessa maneira, através de fragmentos.

A eternidade de Borges é uma realidade inacessível que só pode ser expressa de maneira limitada, em termos poéticos; mas não é imóvel e unitária como a de Parmênides. É uma eternidade fluida, em que todas as coisas existem e são uma; todas as coisas são distintas mas são a mesma. Tudo é o infinito rio de Heráclito: cada ponto é todos os pontos, cada coisa implica toda a história universal, contém todo o tempo.

A eternidade de Borges é distinta do tempo, mas está no tempo, está em cada coisa e na soma de tempo que contém. Engloba toda a verdade do universo, mas cada ponto do universo contém toda a verdade. É uma eternidade múltipla e fluida, semelhante a um panteísmo.

A eternidade de Borges é imanente, mas tão inacessível quanto a outra, a parmenídica ou platônica. Não é o terrível museu de peças imóveis. Não é exterior à realidade, ainda que seja inacessível. Está em cada coisa, é como o limite das

coisas, é o limite a que tende o infinito. Talvez, por estar tão perto quanto o objeto mais próximo, seja ainda mais angustiante e fantasmagórica que o infinito. A eternidade não resolve nada, é também corruptora. Está sempre a um passo do sujeito, mas há um abismo que o separa desse último passo. É como a tartaruga que Aquiles tem diante de si, que jamais consegue alcançar. A eternidade é inalcançável, ainda que esteja ao alcance da mão, como veremos a seguir.